

Aumenta risco para os não vacinados contra Covid

COVID - 19

Com nova onda da doença rondando o país, dados da PBH reforçam alerta: 85% dos internados no ano não completaram a imunização. Entre idosos, taxa de óbitos é 200% maior nesse grupo

Risco multiplicado para quem não se vacinou

SÍLVIA PIRES E CLARA MARIZ

Relacionada à falsa impressão de que a pandemia terminou, a baixa procura pelas doses de reforço das vacinas contra a COVID-19 elevam os riscos da população no momento em que subvariantes do coronavírus circulam no país e já se detecta uma alta da positividade nos testes. O perigo é potencialmente maior justamente para pessoas com o esquema vacinal incompleto ou não vacinadas, além de idosos e pacientes com comorbidades, grupos que representam a maioria dos internados em decorrência da doença este ano.

Levantamento mais recente da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), feito a pedido do Estado de Minas, apontou que 85% dos internados neste ano em hospitais da Rede SUS e Suplementar (rede particular) não haviam completado o esquema vacinal contra a doença. A cobertura é menor entre jovens e adultos, na faixa dos 20 aos 39 anos. O número de óbitos em BH representa 25% dos internados. A onda de frio e novas subvariantes do coronavírus trazem um alerta para a possibilidade da chegada de uma quarta onda da doença em Minas Gerais.

Dos 4.784 pacientes internados entre janeiro e setembro deste ano, 68,1% são idosos, principal grupo de risco da doença. Os percentuais de não vacinados são

alarmantes: 84% dos idosos entre 60 e 79 anos, e 78,2% daqueles com 80 anos ou mais não completaram o esquema vacinal. A taxa de óbito em idosos com esquema incompleto é três vezes maior (200%) em relação aos que estavam imunizados. A cobertura vacinal para esse grupo incluiu as duas primeiras doses e outras duas de reforço. As mulheres representam 52,7% do total de idosos internados. Dessas, apenas 19% tomaram todas as doses da vacina.

Mais da metade dos internados (78,2%) em 2022 têm comorbidades associadas. Desses, 84,4% não completaram o esquema vacinal, embora, no caso de pessoas com alto grau de imunossupressão, já tenha sido liberada até a terceira dose de reforço. A faixa etária mais preocupante desse grupo está entre 60 e 69 anos, apenas 12% completaram o esquema vacinal. Dos pacientes com 70 a 79, apenas 20% completaram a vacinação, e de 80 anos ou mais, apenas 22%. Mulheres representam 52,2% dos pacientes internados com comorbidades, sendo que 84% não completaram o esquema vacinal. Entre os homens, apenas 15% tomaram todas as doses da vacina disponíveis para a faixa etária.

O número de internações de jovens e adultos entre 20 e 39 anos que não tomaram todas as doses evidencia a baixa adesão desse grupo à vacinação. Apesar de representar apenas 6,7% do total de internados, 95% dos jovens e adultos não completaram o esquema vacinal. Esse cenário preocupa especialistas. "Felizmente, esse público não tem nenhuma doença que favoreça o desenvolvimento mais grave da doença. Mesmo assim, eles estão vulneráveis. Essa é uma preocupação geral e temos buscado incentivar a vacinação", afirma o diretor de promoção à saúde e vigilância epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde, Paulo Roberto Lopes Corrêa. "Se a população não se vacinar, os grupos mais vulneráveis são os que mais irão sofrer. Com esse efeito cascata de autoridades colocando em xeque as vacinas, estamos vendo um declínio na cobertura vacinal de outras doenças também. Isso é muito preocupante", disse o infectologista Leandro Cury, que integrou o Comitê de Enfrentamento à COVID-19 de Ibirité. Ele ressalta que a imunidade propiciada pelas vacinas é transitória, ou seja, o número de anticorpos vai diminuindo com o tempo. "Qualquer pessoa que se infecta vira um grande laboratório para o vírus, já que a tendência dele é mudar. Com isso, temos novas variantes e a doença segue fluindo", afirma.

Na avaliação do infectologista Alexandre Sampaio, professor da Faculdade Santa Casa BH, pessoas com comorbidades devem reforçar os cuidados, mesmo que a doença esteja em uma fase de maior controle. "Se tem fatores de risco, essas pessoas precisam tentar colocar uma proteção adicional. Seguir utilizando a máscara em locais fechados, evitar aglomeração e manter o esquema vacinal em dia", recomenda. Ele ainda alerta: "Não temos que pensar só na COVID-19. Os cuidados com higiene e uso de máscara deveriam ser incorporados na nossa cultura. Se uma pessoa está gripada, por exemplo, ela deveria ter consciência de usar máscara para sair e pensar no coletivo", declara.



UTI da Santa Casa na primeira onda da pandemia em BH; vacinação contava número de casos graves e, hoje, principais vítimas são pessoas com o calendário vacinal em atraso, idosos e imunossuprimidos

ALERTA QUE VEM DO RJ E DE SP

A positividade de casos de COVID-19 em Minas Gerais cresceu de 2% para 6% no período de 22 a 29 de outubro, aponta levantamento do Instituto Todos pela Saúde (ItPS). O número, em vista da média de aumento nacional, de 3% para 17%, ainda é considerado baixo pelos responsáveis pela pesquisa. Porém, acende um alerta: a proximidade com os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo pode levar a mais casos da doença no território mineiro. Durante o mesmo período, os estados que apresentaram alta expressiva foram o Mato Grosso (percentual passou de 3% para 18%), São Paulo (de 10% para 19%) e Rio de Janeiro (de 15% para 26%). De acordo com o pesquisador científico do ItPS Anderson Brito, a hipótese está relacionada ao comportamento-padrão observado neste ano. Segundo ele, não há uma sincronia entre os estados na escalada de casos que, geralmente, começa na Região Sudeste, especialmente nos estados onde há mais voos internacionais e maior densidade populacional.

homens representam 54% do total de óbitos. Desses, 78,2% não haviam completado o esquema vacinal. Entre as mulheres, apenas 21,3% tomaram todas as doses da vacina. "Não temos dúvida de que a vacinação mudou o perfil dos internados. Todos os estudos científicos mostram que elas impactam positivamente a questão das internações e dos óbitos", disse o diretor de promoção à saúde e vigilância epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde.

Até o momento, apenas 37,1% dos belo-horizontinos tomaram a quarta dose da vacina, liberada, por enquanto, para pessoas com idade a partir de 40 anos. O público estimado para receber a nova

dose em BH é de 1.194.693. Desse total, menos de 450 mil pessoas já tomaram o reforço. Mesmo antes de a vacinação para pessoas acima de 40 anos ser aberta, a cobertura de dose de reforço não atingia ainda nem metade da população elegível até então. No boletim epidemiológico divulgado em 1º de julho, a cobertura vacinal do público acima de 58 anos estava em 39,3%, considerando um grupo de mais de 500 mil pessoas que poderiam tomar o reforço.

O grupo de crianças entre 3 e 4 anos é o mais defasado em relação à cobertura vacinal em BH. Apenas 64,9% do público infantil recebeu a segunda dose da proteção contra a COVID-19. O ritmo da vacinação segue a passos lentos. No início de julho, o índice era de 64,4%. O público estimado para receber a imunização é de 51.203. A Prefeitura de BH informa que continua com a campanha de repescagem para todos os públicos já convocados na capital, de segunda a sexta-feira, nos centros de saúde e postos extras da capital. Os locais de vacinação devem ser conferidos no site da prefeitura.

Se os reforços forem abandonados, aumenta o risco de novas variantes e formas graves da doença, com novos aumentos de mortes. "Essas primeiras vacinas serviram para evitar a ocorrência de casos mais graves da doença, elas não têm impacto na transmissão, especialmente com as novas variantes. Precisamos de uma nova geração de vacinas para diminuir a transmissão. Só então poderemos, de fato, ficar tranquilos", avalia Leandro Cury.

O também infectologista Alexandre Sampaio concorda com o colega e ainda complementa: "Atualmente, o impacto em reduzir a transmissão é limitado. Nesse momento, o que conta é a proteção individual, seguir as medidas para evitar a propagação, como uso de máscara e manter uma distância segura", ressalta.

Complementarmente ao cenário de vacinação incompleta, a chegada da nova subvariante da Omicron pode colocar a população em mais risco ainda. Isso porque, conforme especialistas, as vacinas distribuídas pelo Ministério da Saúde não estão atualizadas para a mutação, mesmo o imunizante já estando disponível para compra em todo o mundo.

A onda de frio que chegou a Belo Horizonte e outras cidades mineiras nos últimos dias acende um alerta sobre o aumento da transmissão de doenças respiratórias, em especial a COVID-19. A Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG) informou que registrou picos pontuais da doença "em diferentes macrorregiões do estado", com destaque para as regiões Norte, Oeste e Sudeste. Porém, apesar do aumento, a variação geral dos números totais ainda é baixa. Em Belo Horizonte, a prefeitura diz ter um Plano de Contingências para Enfrentamento da Influenza e outras doenças respiratórias e que, até o momento, nenhum dos indicadores tem apontado aumento na transmissão do vírus.

“ Não temos dúvidas de que a vacinação mudou o perfil dos internados. Todos os estudos científicos mostram que elas impactam positivamente a questão das internações e dos óbitos”

Paulo Roberto Lopes Corrêa, diretor de promoção à saúde e vigilância epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 13